

CRISE ATUAL E ALTERNATIVA SOCIALISTA

Ivo Tonet*

A crise que a humanidade está vivendo hoje e que se agrava cada vez mais, torna cada dia mais premente a necessidade de discutir alternativas. Não se trata, no entanto, de inventar alternativas, mas de compreender a lógica interna do processo social e de extrair dele possibilidades que sejam reais.

Sabemos que em um texto tão breve não seria possível sequer aflorar a quantidade imensa de questões importantes para tratar da problemática acima titulada. Procuraremos aludir, apenas, a algumas delas, que nos parecem de capital importância. E, ainda assim, de modo muito breve.

A análise da “anatomia da sociedade civil” (Marx) capitalista indica que, sendo a relação capital x trabalho a raiz desta forma de sociabilidade, somente a sua erradicação e a implantação de uma forma radicalmente nova de relações de trabalho poderá se constituir no fundamento sólido de uma forma de sociedade pra além e superior ao capitalismo. Entendemos que somente esta forma poderá resolver os gravíssimos problemas que a humanidade enfrenta hoje.

Esta nova forma de relações de trabalho, chamada por Marx de trabalho associado, ou de “associação livre dos homens livres”, é o fundamento material do socialismo.

Deste modo, nunca foi mais urgente do que hoje a luta pelo socialismo. Até porque, no limite, ela é a luta pela sobrevivência da própria humanidade. Porém, ao mesmo tempo, nunca, como hoje, esta alternativa pareceu mais longínqua. Explica-se isto como resultado de um complexo processo histórico em que, na luta entre capital e trabalho, ao longo destes últimos cento e cinquenta anos, apesar de ganhos pontuais do

* Professor de filosofia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Ufal.

último, o primeiro sempre venceu, dadas as circunstâncias concretas em que a guerra foi travada.

Por isso mesmo, a crítica do passado, vale dizer, o exame dos caminhos teóricos e práticos trilhados pelas lutas da classe trabalhadora com o objetivo de superar o capitalismo, é uma condição indispensável para iluminar os caminhos do futuro. Esta crítica do passado é, evidentemente, uma tarefa ingente e multifacetada. Gostaríamos de assinalar, aqui, apenas alguns elementos que nos parecem fundamentais. A nosso ver, o exame destes caminhos revela as profundas alterações que a teoria marxiana sofreu, com enormes e prejudiciais conseqüências para a luta do trabalho contra o capital.

Sem desconhecer a enorme complexidade desse processo e a articulação entre o momento da teoria e o momento da atividade prática, parece-nos que é possível identificar aquilo que constitui o fio condutor dessas alterações. Este fio condutor é duplo e poderia ser resumido assim: de um lado, a passagem da centralidade do objeto (impostação ontológica) à centralidade do sujeito (impostação gnosiológica); de outro lado, a passagem da centralidade do trabalho à centralidade da política. Ao longo deste processo, o pensamento de Marx foi perdendo aquela que é a sua característica mais essencial: o seu caráter radicalmente crítico e revolucionário.

Retomando a impostação ontológica greco-medieval, mas alterando-a substantivamente, pela historicização do conceito de essência, Marx começa por tracejar, em obras de juventude, uma ontologia do ser social, para só em seguida resolver as questões relativas ao conhecimento. A primeira e a segunda Teses ad Feuerbach são emblemáticas nesse sentido. Tratava-se, para ele, de responder a pergunta: o que é o ser social, qual a sua origem, quais as suas determinações mais gerais e essenciais, para só em seguida, e orientado por esses parâmetros, buscar o conhecimento das formas particulares deste ser, especialmente da sua forma burguesa.

O desconhecimento desta impostação ontológica levou a maioria dos seus discípulos a interpretar o seu pensamento a partir dos parâmetros da tradição moderna, cujo codificador maior foi Kant, que atribuía ao sujeito a tarefa de organizar os dados recolhidos pelos sentidos, em si mesmos múltiplos e caóticos. Deste modo, ficavam eliminadas – para efeito de conhecimento – duas categorias absolutamente fundamentais no pensamento de Marx: as categorias da essência e da totalidade, tornando-se o sujeito

o pólo regente do processo de conhecimento e da prática social. Na relação entre objetividade e subjetividade, esta última passava a ser o pólo regente do processo.

A imposição ontológica também levou Marx a buscar a raiz do ser social, descobrindo, na esteira das possibilidades e exigências postas pela classe trabalhadora, que esta se localizava no ato do trabalho. Deste modo, o ato do trabalho, vale dizer, a atividade de transformação da natureza com o fim de produzir os bens materiais necessários à existência, foi identificado como o ato ontológico-primário, a raiz do ser social.

Esta constatação tinha enormes conseqüências, pois evidenciava tanto a centralidade do trabalho no sentido ontológico mais geral, como a centralidade política da classe operária no processo de lutas pela superação da sociabilidade capitalista e, mais especificamente, a centralidade do trabalho associado – fundamento da sociabilidade comunista – no processo de revolução e de transição do capitalismo ao comunismo.

Mais uma vez, esta imposição ontológica foi obliterada pela maioria dos seus discípulos. Por um processo histórico extremamente complexo, e não por meros desvios teóricos, a centralidade do trabalho foi substituída pela centralidade da política, vale dizer, pela atribuição ao Estado da tarefa de dirigir o processo de superação do capitalismo em direção ao comunismo.

Esses dois extravios tiveram como uma das mais perversas conseqüências imprimir às lutas da classe trabalhadora um caráter cada vez mais reformista, tanto do ponto de vista teórico como prático, pois deslocava para o campo da burguesia toda a elaboração teórica e toda ação prática que visaria construir uma nova forma de sociabilidade.

Desses extravios teóricos e práticos são um claro exemplo as vertentes interpretativas do pensamento de Marx da Social-democracia alemã, da chamada marxista-leninista (na verdade, stalinista), da escola althusseriana, da Escola de Frankfurt, e de uma determinada leitura da obra gramsciana, para citar apenas as mais conhecidas. Diga-se, de passagem que nem o próprio Lukács, figura maior da interpretação do marxismo como ontologia do ser social, escapou desse extravio ao referir-se ao caráter da revolução soviética.

Estes equívocos, teóricos e práticos, na interpretação do pensamento de Marx, fragilizaram enormemente o pensamento marxista frente ao pensamento burguês, ao mesmo tempo que resultaram na perda da revolução como objetivo maior da humanidade, substituindo-a pela reforma ou, então, atribuindo ao conceito de revolução um caráter essencialmente político, subsumindo a ele, inclusive, o seu caráter social, que deveria ser o seu eixo.

Daí porque o resgate do caráter radicalmente crítico e radicalmente revolucionário do pensamento de Marx é uma tarefa absolutamente fundamental para a fundamentação sólida e conseqüente da alternativa socialista. Mais ainda em um momento em que os acontecimentos históricos e a realidade cotidiana parem desmentir inteiramente essa possibilidade.

Como realizar esse resgate?

Sabe-se que a sustentação do sistema capitalista está fundamentada, teoricamente, em última instância, na idéia de que o homem é um ser egoísta por natureza. E que é desse egoísmo que procede a desigualdade social. De modo que ela pode sofrer limitações, mas jamais poder ser eliminada. Ora, essa idéia tem como conseqüência conferir ao ser social um caráter não inteiramente histórico e social, uma vez que sua natureza mais essencial não é resultado da atividade humana. O combate a essa idéia implica a demonstração de que o ser humano não é egoísta por natureza. Para isso é preciso identificar a raiz do mundo social; encontrar o elemento que funda esse novo tipo de ser, de modo a poder demonstrar que o ser social, ainda que mantendo a sua insuprimível vinculação e intercâmbio permanente com a natureza, é resultado da sua própria atividade. Vale dizer, que ele é radicalmente histórico e social. É o que Marx faz quando identifica o trabalho como a categoria que funda o mundo social e a partir da qual – em dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca – nascem todas as outras categorias e se configura a totalidade da realidade social.

É a partir desses fundamentos que se pode fazer uma crítica radical da sociabilidade capitalista, evidenciando sua historicidade e socialidade, sua origem, sua natureza, suas insanáveis contradições, sua intrínseca desumanidade e sua incapacidade absoluta de se tornar uma autêntica comunidade humana. Esta crítica permite, ao mesmo tempo, demonstrar a possibilidade de superar essa forma de sociabilidade tanto

porque evidencia que a história é feita pelos próprios homens como porque comprova que a humanidade já dispõe, hoje, de capacidades suficientes para produzir os bens materiais necessários à satisfação das necessidades de todos e não apenas de alguns. Também permite demonstrar a premente necessidade de superar essa forma de sociabilidade, dadas as terríveis conseqüências que a reprodução social regida pelo capital acarreta para o momento atual e para o futuro da humanidade.

Com base nesses fundamentos também é possível fazer uma crítica radical de todas as propostas reformistas, demonstrando a impossibilidade de construir uma forma de sociabilidade efetivamente igualitária, livre e fraterna sem a eliminação daquela que é a raiz desta sociedade, ou seja, do capital. Esta crítica também permite demonstrar o caráter não socialista de todas as tentativas revolucionárias levadas a cabo até o momento, uma vez que, dadas as condições objetivas, era impossível entrar em cena o trabalho associado, fundamento material do comunismo. Por isso mesmo, todas elas tiveram que atribuir ao Estado a tarefa de dirigir um processo que se imaginava estar caminhando para o comunismo. Por isso também, todas elas se transformaram em ditaduras, não *do* proletariado, mas *sobre* o proletariado.

Nesse sentido, a crítica do passado e do presente é, ao mesmo tempo, a sustentação da possibilidade e da necessidade da alternativa socialista, bem como do eixo que deve nortear o processo revolucionário.

Maceió, 12 de agosto de 2009